

A VOZ DO MEU ILÉ: relatos do nascimento aos dias atuais das comunidades de terreiros de candomblé, seus enfrentamentos e conquistas

THE VOICE OF MY ILÉ: reports from the birth to the present day of the communities of Candomblé centers, their confrontations and conquest.

Priscila Cristiane Escobar Silva¹, Michelle Cristina Rodrigues Pinto²

Resumo: O presente estudo concentra-se nas relações estabelecidas entre casas de candomblé das regiões de Guarulhos, Arujá e Itaquaquetuba com a comunidade local que cada uma participa, buscando discorrer sobre os desafios e conquistas desde a sua inauguração. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, com coleta de dados através de entrevistas, envolvendo dois Babalorixás e duas Iyalorixás. Para o tratamento dos dados foi aplicada a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin. Os resultados apontam para as questões da intolerância religiosa, para a resistência dos terreiros, a manutenção das tradições dentro dos Ilés, a satisfação em ajudar e a forte crença nos Orixás.

Palavras-chave: Candomblé. Desafios. Conquistas. Terreiros. Tradição.

Abstract: *This study focuses on the relationships established between candomblé houses in the regions of Guarulhos, Arujá and Itaquaquetuba with the local community that each participates, seeking to discuss the challenges and achievements since their inauguration. For this, a qualitative research was developed, with data collection through interviews, involving two Babalorixás and two Iyalorixás. For the treatment of the data, Content Analysis, proposed by Bardin, was applied. The results point to the issues of religious intolerance, the resistance of the centers, the maintenance of traditions within the Ilés, the satisfaction in helping and the strong belief in the Orixás.*

Keywords: *Candomblé. Challenges. Achievements. Centers. Tradition*

I. INTRODUÇÃO

São crescentes os estudos sobre as religiões de matriz africana no Brasil, todavia devemos observar que parte das investigações são levadas, nas palavras de Scorsolini-Comin; Godoy; Gaia (2020), ao status de folclórica ou primitiva por não serem elaboradas pelo “povo do santo”, nomenclatura comumente usadas entre os candomblecistas.

Assim, faz-se necessário a produção de pesquisas que contemplem a “riqueza” cultural presente no candomblé. Isso posto, destacam Scorsolini-Comin; Ribeiro; Gaia (2020) que a religião apresenta inúmeras possibilidades de investigação, ora sobre os aspectos que envolvem a divindades ou o estado de incorporação, ora sobre as interações socioculturais neste contexto.

Ainda sobre as pesquisas que envolvem o candomblé, Rabelo (2015) informa que as comunidades de referência, da Bahia e do Rio de Janeiro já foram ou são alvos de inúmeras investigações no campo das ciências sociais, entretanto, compreender as histórias de locais com menor visibilidade também se faz relevante para a produção científica.

Trilhando o caminho das diversas pesquisas que buscam compreender o candomblé, a

¹ Mestre em Educação, Professora e Pesquisadora do NUPE no Centro Universitário ENIAC. e-mail: priscila.escobar@eniac.edu.br

² Acadêmico do curso de Gestão Financeira no Centro Universitário ENIAC. e-mail: michellerodriguesmp@gmail.com

intencionalidade deste texto é construir uma investigação sobre o campo de formação afro-religioso em São Paulo, delimitando a linha de pesquisa nas comunidades de terreiros em Guarulhos, Arujá e Itaquaquecetuba.

E no que tange ao objetivo principal da pesquisa está descrever os principais desafios e as conquistas que as casas de candomblé vivenciaram e vivenciam em suas localidades, sob a perspectiva dos seus Babalorixás e Iyalorixás, referência máxima entre o “povo do santo”.

E como ponto central da investigação questiona-se quais os caminhos percorridos pelas comunidades de terreiros da sua instalação até dias atuais?

Dessa maneira, este estudo traz como foco o fenômeno das interações das casas de candomblé com a comunidade local que estão inseridos, oportunizando uma reflexão sobre o contexto dos enfrentamentos e dos avanços dos terreiros, dando-lhes vozes.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste estudo apresenta informações sobre as religiões de matriz africana sob a perspectiva dos trabalhos de Verger (2002), Pierucci (2004), Filho; Alves (2017), Rabelo (2015) e (2020), Gaia; Vitória; Roque (2020), Scorsolini-Comin; Ribeiro; Gaia (2020) e Scorsolini-Comin; Godoy; Gaia (2020) com abordagens sobre o surgimento do candomblé no Brasil e as características específicas da religião.

Aspectos históricos do candomblé

Falar sobre as religiões de matriz africana é, antes de tudo, nas palavras de Pierucci (2004) o mesmo que falar das raízes culturais do Brasil, uma vez que estes fazem parte dos principais grupos formadores da cultura e sociedade brasileira.

Nesta mesma linha de pensamento, Gaia; Vitória; Roque (2020) nos dizem que a discussão sobre a temática do candomblé é uma revisita a história, pois os terreiros foram construídos a partir da mistura de povos oriundos da África que foram

trazidos ao Brasil, formando as denominadas Nações.

Partindo para uma nova perspectiva sobre o surgimento das comunidades de afro-religiosas, Scorsolini-Comin; Ribeiro; Gaia (2020) apontam que os terreiros “menores” sempre têm outros “maiores” e mais antigos, dentro da sua localidade como referência, e estes de forma indireta determinam as regras e valores que conduzem a o “funcionamento” da casa, pois, são sob a ótica do candomblé como raiz.

Nesse cenário, é aclarado o surgimento das comunidades de terreiros, remontam a história do Brasil no que se refere aos aspectos socioculturais, enquanto sua “configuração” religiosa traz um misto das tradições existentes em cada região da África e mantém como referência de funcionamento as casas de candomblé mais antigas.

Por dentro dos terreiros de candomblé

Ao aprofundarmos nossos estudos sobre o candomblé, encontramos em Rabelo (2020) que o cenário de nascimento de uma comunidade de terreiro se dá a partir da crença nos Orixás, Voduns e Inquices, mas principalmente, pelo ato iniciático nesta presente.

No que diz respeito a ser iniciado, Verger (2002) explica que este é o processo pelo qual se “deixa” a vida material e “nasce” para a espiritual, após o “nascido” passar por atos e preceitos específicos dentro de cada Nação.

O autor revela ainda que o iniciado, agora membro daquela comunidade, passa a ser chamado de Iyawo se for de Ketu ou Efon, Vodunci quando pertencente a Jeje e Muzenza para Bantu ou Angola com confirmações através do jogo de búzios.

Complementam Scorsolini-Comin; Godoy; Gaia (2020) que o Yorubá é dialeto utilizado nestas comunidades e que cada Nação traz seu Orixá patrono, cujas principais referências conhecidas são Oxossi em Ketu e Oxum em Efon, considerados o rei da caça senhora do ouro e beleza respectivamente.

Outra característica particular do candomblé é descrita por Filho; Alves (2017) como a tradição da oralidade, meio pelo qual a religião é perpetuada desde o período da escravidão, remontando os segredos, as práticas e as hierarquias dentro das comunidades de terreiros. Os mesmos destacam o papel dos dos “mais velhos” responsáveis por transmitir o conhecimento da religião aos “mais novos”.

Seguindo o raciocínio da hierarquização presente nos terreiros de candomblé, Scorsolini-Comin; Godoy; Gaia (2020) relatam que a frente das casas estão os Babalorixás ou Iyalorixás, comumente chamados de pais ou mães de santo.

Ainda nesta linha, os autores nos fala sobre outros níveis hierárquicos dentro das comunidades de terreiros, sendo eles, Èkèjí quando mulheres e Ogan quando homem na condição daqueles que não são “rodantes” ou “virantes”, termos usados para designar aqueles que não são suscetíveis ao transe de possessão e possuem cargos com funções específicas nas casas.

Os mesmos, ainda apresentam a relação dos “filhos” na hierarquia das casas, pertencendo ao grupo dos “rodantes” e sendo denominados como Abiã, aquele que é adepto e participante da casa, mas, não iniciado, o Iyawo como aquele que passou pelo ato iniciático, porém é considerado como de “menor idade” e Egbon, também já iniciado, mas, com a "maioridade", adquirida após completar sete anos e cumpridas as “obrigações”.

Em suma, é percebido que os terreiros ou casas de candomblé são fortemente hierarquizados, com tradições que perpassam gerações e uma riqueza nos detalhes de organização de seus cultos.

III. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo é caracterizado como pesquisa qualitativa. Explicam Minayo (2009) e Prodanov; Freitas (2013) que este tipo de investigação se ocupa daquilo que produz significados e tem no ambiente a fonte dos dados, pois o pesquisador está em contato direto com o meio.

Sob essa ótica, a pesquisa se compõe como qualitativa pela proximidade das pesquisadoras com o ambiente e sujeitos da investigação. Além disso, os resultados não podem ser quantificados, mas produzem significados relevantes para entender o contexto que é desenvolvido o estudo.

A entrevista foi definida como instrumento para a coleta de dados e a amostragem não aleatória intencional para a definição dos entrevistados. Haja vista que, as técnicas permitem conhecer as percepções dos participantes e a escolha destes proposadamente pelas pesquisadoras, através da estatística descritiva (PRODANOV; FREITAS, 2013); (CARNEVALLI e MIGUEL, 2001).

Nesse contexto, é importante ressaltar que para a coleta de dados foi aplicado o TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido) aos participantes, assegurando o sigilo de suas identidades e a saída da pesquisa a qualquer momento. Participaram da pesquisa dois Babalorixás e duas Iyalorixás em que foram utilizadas as siglas Baba1, Baba2, Iya1, Iya2 para relacionar suas falas no decorrer da análise dos resultados.

As entrevistas aconteceram entre os dias 29 de abril e 07 de maio, conforme disponibilidade de participação dos entrevistados, através do aplicativo *Google Meet* em virtude das restrições impostas pela pandemia Covid-19.

Seguindo os métodos aplicados a pesquisa foi definida a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin para o tratamento dos dados. Nesse sentido, os resultados serão organizados por eixos de acordo frequência (N) das falas trazidas pelos entrevistados a partir da etapa exploratória do material (BARDIN, 2011).

IV. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados desta pesquisa estão divididos em três seções, sendo elas: 1) surgem as casas de candomblé; 2) os desafios e conquistas; 3) mais informações, buscando o cruzamento da revisão de literatura com os achados da pesquisa.

Perfil dos participantes

Todavia, antes de nos aprofundarmos nos eixos de análises, cabe conhecermos mais sobre os perfis dos participantes. Assim, na etapa inicial da entrevista é solicitado aos entrevistados que façam uma apresentação de quem são nas comunidades de terreiros e, ao se apresentarem pelos respectivos cargos, eles sempre mencionam o Orixá para qual foram iniciados como parte da sua identidade, como descrito na tabela abaixo:

Tabela 01 - Apresentação dos entrevistados

Quem	Cargo	Orixá	Nação	Tempo de iniciado
Baba1	Babalorixá	Ogum	Ketu	27
Baba2	Babalorixá	Ogum	Nagô	25
Iya1	Iyalorixá	Yemanjá	Ketu	27
Iya2	Yalorixá	Oxum	Ketu	20

Fonte: Dados da pesquisa (2021) Adaptação nossa

Como visto, todos os entrevistados possuem 20 “anos de santo” ou mais, outro termo comum entre os candomblecistas para designar o tempo de iniciado, pois suas contagens se assemelham a dos aniversários.

Cabe mencionar que em suas falas os entrevistados trazem sempre a mensagem de “eu tenho ‘x’ anos de santo”, essa condição reforça seu posicionamento nas comunidades de terreiros como “mais velhos” e a forte presença da hierarquização na religião como definido por Filho; Alves (2017) e Scorsolini-Comin; Godoy; Gaia (2020).

Eixo 1: Surgem as casas de candomblé

Este eixo de análise surge como resposta às questões da localidade e da inauguração das respectivas casas de candomblé, conforme demonstra a tabela a seguir:

Tabela 02 - Falando sobre as casas de candomblé

Categoria	Segmento ilustrativo	N
É localizado em...	“Fica em Itaquá” (Baba1, 2021)	1
	“Estamos localizados em Guarulhos e também no Brasília” (Baba2, 2021)	1
	“É em Arujá” (Iya1, 2021) “Estamos em Arujá” (Iya2, 2021)	2
Começamos há muito tempo	“Ih, começamos há muito tempo. A casa está em funcionamento há 15 anos e já passou muita gente por lá” (Baba1, 2021) “Começamos já tem um bom tempo, tenho duas casas, mas, a de Guarulhos foi a primeira e estamos no mesmo lugar tem 13 anos” (Baba2, 2021) “Olha, tem muito tempo. Vou fazer a conta aqui. A casa já está com 14 anos” (Iya1, 2021) “Falar de tempo. Tem bastante, viu. Estou falando de 11 anos da casa funcionando desde que abrimos a porta a primeira vez” (Iya2, 2021)	4

Fonte: Dados da pesquisa (2021) Adaptação nossa

Como visto, neste eixo nascem duas categorias de análise para a discussão do surgimento das casas de candomblé, objetos de estudo, que serão apresentadas nos itens a) e b) desta seção.

a) É localizado em...

Nesta categoria os entrevistados comentam alguns pontos sobre o início das suas casas, relatando especificando a localização. Assim temos, dois terreiros na região de Arujá que são dirigidos pelas Iyalorixás, enquanto os Babalorixás têm sua representatividade nas comunidades de terreiros em Itaquaquecetuba e Guarulhos.

Ao começar a falar um pouco da localização, Iya1 e Iya2 relembram que quando começaram, havia outras residências próximas e isso foi, nas

palavras delas, “desconfortantes”, pois a intolerância era grande. A Iyal, acrescenta ainda que na mesma rua tinha uma igreja cristã e isso complicou um pouco mais seu início, pela “demonização” que era pregada sobre seu terreiro.

Por outro lado, Baba1 nos conta que sua casa ficava ao final de uma rua sem saída, afastada de outras residências, mas, mesmo assim, enfrentou dificuldades no relacionamento com os vizinhos. Ele diz: “enfrentei não, ainda enfrento, mas sigo com meu culto, eles que devem me respeitar” (BABA1, 2021).

Por fim, Baba2 destaca que seu início foi um pouco mais tranquilo, pois sua casa é na entrada da comunidade. Ele explica:

Como o candomblé é uma região “marginalizada”, a nossa localização pertinho da comunidade teve maior aceitação, porque o pessoal tinha ali como um refúgio daquela realidade, podiam ter mais tranquilidade, nos dias de cultos, alguns tinham como a oportunidade de uma melhor alimentação. Mas, em Brasília foi mais difícil, mas, é para falar de Guarulhos, certo (2021).

Diante das falas apresentadas, constatamos que a maioria dos entrevistados tiveram dificuldades no seu início, no contexto das relações sociais nas localidades em que foram instalados os terreiros, mas, seguirão mesmo diante das adversidades, trazendo à tona mais uma característica marcante do candomblé que é a resistência.

Por outro lado, um dos entrevistados, nos leva a um novo olhar, não pela dificuldade de inserção, mas, por sua aceitação ocorrer pelo distanciamento existente entre o terreiro e os grandes centros urbanos. Para mais, em sua fala fica evidente a crítica sobre a elitização das demais religiões em detrimento ao candomblé.

Todavia, precisamos destacar também como a casa se tornou referência para a “comunidade” a qual ela se aproximava, contribuindo para a melhora da qualidade de vida de alguns no que se diz respeito às necessidades básicas, neste caso, a alimentação.

Assim, podemos perceber que dentro de cada contexto para o surgimento das casas de candomblé, objetos destes estudos, há uma história de enfrentamento das dificuldades, ora pela intolerância sofrida questões de acesso.

b) Começamos há muito tempo...

A categoria nos leva ao cenário de que as casas de candomblé estão em funcionamento há mais de dez anos, mesmo diante das adversidades vividas inicialmente.

De uma forma mais direta e sucinta, os participantes evidenciam o tempo de existência de suas casas, sempre enfatizando a relação de “muito tempo”, uma vez que no calendário candomblecista, ao completar sete anos, o Yawo se torna Egbon, assim como as casas passam a ganhar representatividade no meio.

Eixo 2: Os desafios e conquistas

Este eixo de análise vem ao encontro das questões propostas aos entrevistados sobre a resistência da comunidade local no início das casas, se houve preconceito, se ainda percebem que existe a intolerância e os resultados positivos na trajetória dos terreiros, conforme a tabela abaixo:

Tabela 03 - Falando sobre os desafios e conquistas

Categoria	Segmento ilustrativo	N
Os desafios são muitos	<p>“Os desafios estão dentro e fora das casas. Formamos uma família e entender cada cabeça, não é fácil. Pensa na sua família carnal, é difícil né, agora e a gente que vai se encontrando então. Mas, fora é pesado porque sinto sermos perseguidos ainda” (Baba1, 2021)</p> <p>“Eu acho que toda casa tem muitos desafios. Como Babalorixá, conversando com outros Babás, Tatas, Iyás, dentro das casas passamos alguns desafios sim, seja dentro da roça, seja na rua. O candomblé ainda sofre muito” (Baba2, 2021)</p>	2

continua

continuação

Categoria	Segmento ilustrativo	N
Os desafios são muitos	<p>“Desafios é o que não falta para o povo do santo, moça. Andar paramentado na rua, é um escândalo, as pessoas te olham como alienígena, isso só pra começar” (Iya1, 2021)</p> <p>“Sabe aquela frase, ‘matar um leão por dia’, então esse é o candomblé, são os desafios todo dia, até dentro da família carnal sofremos preconceito, intolerância, fica mais difícil ainda por fora” (Iya2, 2021)</p>	2
A intolerância ainda existe e é grande	<p>“A intolerância religiosa existe e ela bate de frente com o candomblé. Como disse antes, nós somos perseguidos ainda, e não é pouco” (Baba1, 2021)</p> <p>“Intolerância religiosa, parece que acontece com todas as religiões, né, mas, não é isso não, algumas sofrem mais que as outras e o candomblé, sofre por todas, todos os dias” (Baba2, 2021)</p> <p>“Preciso dizer que logo que começamos, meu portão foi riscado com a frase bando de macumbeiros e não tem muito tempo atrás, meu muro fica para uma viela nos fundos da casa e um filho de santo chegou me contando que estava pichado lá, aqui é a macumba. Então a intolerância existe e muito, meninas” (Iya1, 2021)</p> <p>“Sabe o matar o leão, está aí também, a intolerância quando se trata do candomblé é grande” (Iya2, 2021)</p>	4
As palavras que deram certo e o Orixá	<p>“Quero dizer que fico feliz por alguém querer ouvir coisas boas sobre o candomblé, temos muitas, mas, a melhor com certeza é quando alguém que você cuidou, volta e diz, deu certo. Isso nos faz resistir e persistir. E o próprio Orixá que nos mantém” (Baba1, 2021)</p> <p>“Fácil de responder essa, primeiro o Orixá, depois, o olhar, a palavra daquele que chegou precisando na porta da nossa casa, que diz deu certo. É esse o caminho” (Baba2, 2021)</p>	2

continua

conclusão

Categoria	Segmento ilustrativo	N
As palavras que deu certo e o Orixá	<p>“A gratidão daqueles que cuidamos, sejam nossos filhos de santo ou aquela pessoa que teve o primeiro contato e de repente, você ouve que deu certo. Por isso resistimos, os desafios são muitos, mas a fé em Orixá é maior, para fazer o bem” (Iya1, 2021)</p> <p>“As conquistas são coisas que o dinheiro não compra, a fé em Orixá e o sorriso, o olhar, o abraço a palavra, naquele momento que você entende, descobre que deu certo os cuidados para quem necessitava” (Iya2, 2021)</p>	4

Fonte: Dados da pesquisa (2021) Adaptação nossa

Conforme apresentado, neste eixo surgem três categorias de análise para a discussão dentro das trajetórias das casas de candomblé estudadas, que serão desenvolvidas nos itens a), b) e c) desta seção.

a) Os desafios são muitos

Nesta categoria os entrevistados destacam que quando o assunto são as religiões de matriz africana, as comunidades de terreiros, sempre há desafios e estes são quase diários, ora dentro das próprias casas de candomblé, ora e principalmente no meio externo.

Quando mencionam sobre as casas, Baba1 explica que manter a tradição não é fácil. Ele argumenta falando que “é um conhecimento milenar, aprendido pela prática e escuta, o que muitos não aceitam”.

Nesse momento, revistamos a literatura de Filho; Alves (2017) que retrata essas como fundamentos do candomblé, entretanto de acordo com o Baba1 com as mudanças do mundo, nem todos os filhos de santo estão dispostos a viver como antes.

Os Babalorixás enfatizam ainda que a religião sofre perseguições e, nesta linha de raciocínio, Baba2 diz:

É normal, no sentido de que é uma religião que veio em navios negreiros, só daí, já podemos entender, do porque é normal o candomblé sofrer assim. Não deveria ser assim, mas, sabemos que o negro sofre racismo, então porque sua base religiosa não sofreria também. Na história vemos isso muitas vezes, não é mesmo (2021).

Para ele, o fato do candomblé ser uma religião trazida pelos negros, dado o contexto histórico de racismo sofrido por estes povos, faz com o centário afro-religioso também sofra.

Corroborando aos pensamentos anteriormente expostos, as Iyalorixás destacam que os desafios das religiões de matriz africana vêm de várias frentes e a forma como um candomblecista é visto e tratado na sociedade apenas por carregar a sua identidade religiosa é muito pesada.

Em suma, pudemos observar que falar de desafios quando o viés são as casas de candomblé, seus adeptos e a sua tradição há muito o que se enfrentar e a principal luta é dada no combate a intolerância vivenciada ao longo dos anos.

b) A intolerância ainda existe e é grande

Como apresentado anteriormente, a intolerância é um dos grandes problemas enfrentados pelos candomblecistas. Aqui, nos propomos a ouvir um pouco mais sobre o que os entrevistados relatam sobre o que vivenciaram ou vivenciam neste contexto.

Assim, de forma unânime, eles apontam que a intolerância religiosa existe e ela é muito forte e agressiva quando se trata do candomblé. A Iyal como forma de exemplificar tal contexto, comenta que sua casa já foi alvo de pichação, em que os termos “macumbeiros” e “macumba” são usados, no sentido de ofensas, mas, rebate dizendo:

É uma situação muito chata, só queremos o respeito pela nossa liberdade de culto, de

sermos quem somos, candomblecista. Mas, a gente sabe que isso é ignorância de alguns, de falta de conhecimento mesmo. Não ficamos ofendidos com isso, porque macumba é um instrumento e quem o toca é macumbeiro, basta qualquer um pesquisa ai no *Google* (Iyal, 2021).

Nesse sentido, observamos que a resposta da entrevistada vem como um grito por respeito a sua casa de candomblé, a sua religião, as suas escolhas, mas também como um lamento por existir a intolerância religiosa em tempos em que a diversidade é tão grande.

Podemos considerar que o candomblé vem sofrendo perseguições ao longo dos anos e que na percepção dos Babalorixás e Iyalorixás ainda está longe de uma conscientização, de um quadro de mudanças em que as religiões de matriz africana possam seguir com tranquilidade com sua liberdade de culto.

c) As palavras que deu certo e o Orixá

Na contramão do que foi projetado até o momento, esta categoria descreve o cenário das conquistas, daquilo que move as comunidades de terreiros. De forma unânime, os entrevistados apontam para sempre que têm um retorno positivo, isto é, quando alguém que passou pela casa de candomblé ou que pertence a família, diz que “deu certo”.

Nas palavras deles, essa é a base para a resistência dos terreiros, é o alicerce que mantém a casa de candomblé ativa depois de tanto tempo, mesmo em face dos desafios.

Outro ponto marcante das falas dos entrevistados se relaciona com a sua fé nos Orixás, o que neste ponto somos conduzidos até a obra Rabelo (2020), ao afirmar que a formação das comunidades de terreiros está entre outras, a crença em Orixá.

Neste cenário, consideramos que as duas bases fundamentais para o candomblé resistir ao longo dos tempos e os terreiros permanecerem em funcionamento estão a fé dos Babalorixás e Iyalorixás, bem como sensação do “dever cumprido”

ao “cuidar” daqueles que chegam às suas casas precisando de auxílio.

Eixo 3: Mais informações

Este eixo corresponde à etapa final da entrevista quando é solicitado aos entrevistados que falem algo mais sobre suas casas, o candomblé ou que entendam como complementar ao desenvolvimento da entrevista. Os resultados são:

Tabela 04 - Fale mais

Categoria	Segmento ilustrativo	N
O candomblé é na roça	<p>“O candomblé é lindo, carrega muito história, mas, só conhece o candomblé de verdade, quem vive, é dentro da roça que tudo acontece” (Baba1, 2021)</p> <p>“Para se aprender o candomblé somente na roça, sempre falo para meus filhos” (Baba2, 2021)</p> <p>“O candomblé é feito de aprendizado na prática. Então, falo para todos os meus filhos, para todos que chegam na casa, você só vai entender a grandeza e riqueza do candomblé se participar das funções na roça” (Iya1, 2021)</p> <p>“O candomblé exige presença na roça para se aprender” (Iya2, 2021)</p>	4
Candomblé é pé no chão	<p>“Ah, candomblé também é feito de pé no chão. Isso significa que devemos manter a humildade sempre, quem brilha é só Orixá” (Iya1, 2021)</p> <p>“O candomblé tem algo muito legal, que muitos vêm roupas bonitas e tudo. E não tem mal nenhum, mas, você sempre vai vê todo mundo, do mais velho, ao mais novo com os pés no chão, porque ele lembra a gente de ser humilde” (Iya2, 2021)</p>	2
Que bom falar	<p>“Quero agradecer, foi muito legal, nunca pensei que alguém fosse querer ouvir sobre meu Ilé, poder falar é muito bom. Obrigado de verdade. Asé” (Baba1, 2021)</p> <p>“Então, também quero agradecer esse convite que foi muito legal. ter a oportunidade de falar um pouco sobre este Ilé, minha história é sem palavras. Asé mojoba (Baba2, 2021)</p>	4

<p>“Agradecer o convite, por vocês me ouvir, contar um pouco de tudo, sabe aquele grito guardado, vocês estão fazendo por mim e todo o candomblé, pela ancestralidade que nos mantém Aséo. Olorum adupe” (Iya1, 2021)</p> <p>“Agradeço o convite, tive medo no início, não sabia muito o que era, mas, confiei e foi muito bom, falar de algo que é minha vida e vocês ouvindo com todo carinho. Olorum adupe” (Iya2, 2021)</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2021) Adaptação nossa

De acordo com informações anteriores, neste eixo nascem três categorias de análise para a discussão, que serão apresentadas nos itens a), b) e c) desta seção.

a) O candomblé é na roça

Nesta categoria os entrevistados destacam que o aprendizado do candomblé ocorre por meio da prática, quando os “filhos de santo” estão presentes na roça, termo usual entre os candomblecistas. Complementa Iya1 que:

Quando estamos todos na roça, Abiã e Yawo, tem contato com seus mais velhos e aí, quando a função está acontecendo, eles estão sempre acompanhando e explicando aos mais novos. Assim é feito o candomblé, aprendizado que não é encontrado em livro (2021)

Podemos relacionar as falas anteriores com as perspectivas de Filho; Alves (2017) ao enfatizar que os “mais velhos” transmitem o conhecimento aos “mais novos” dentro do candomblé. Tal condição é reforçada pela explicação que nos traz a Iya1, salientando que este conhecimento não será encontrado em livros, somente no dia a dia das atividades nas casas de candomblé.

b) Candomblé é pé no chão

Neste ponto, as Iyalorixás apontam para mais uma característica marcante do candomblé, “os pés descalços”. De acordo com as palavras delas, entre

os candomblecistas, tal ato representa que as religiões de matriz africana carregam a humildade como sua base, independente da hierarquia existente nas casas de candomblé.

c) Que bom falar

Que bom falar, é a última categoria de análise deste estudo, fruto dos momentos finais da entrevista, em que os Babalorixás e as Iyalorixás nos revelam o sentimento de alegria em participar da pesquisa, compartilhando sua pouca da sua trajetória e de seu Ilé, termo Yorubá que significa Casa.

Nesse sentido, encontramos em Rabelo (2015) a importância de se investigar os terreiros com menor visibilidade, fortalecendo suas participações entre as comunidades de terreiros e perpetuando a presença, cultura e as raízes do candomblé em diversas localidades.

É relevante observar que neste ponto, eles nos agradecem e nos abençoam, usando o dialeto Yorubá, que como vimos em Scorsolini-Comin; Godoy; Gaia (2020) é parte da tradição das comunidades de terreiros, especificamente o candomblé.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações sobre as religiões de matriz africana se fazem importantes, pela contribuição científica no campo das relações étnico-raciais sobre o viés da religiosidade, mas, também pela necessidade romper o estigma social construído em cima do candomblé.

No que concerne a literatura voltada ao candomblé, é observada a necessidade de aproximar o autor do “povo de santo” para refletir cada vez mais sobre as realidades existentes nas comunidades de terreiro.

Quanto aos achados da pesquisa, é visto que as casas de candomblé, tiveram um início mais sofrido, mas, assim como é apresentado na história que a religião foi fonte de resistência do povo negro, os terreiros também seguem resistindo mesmo diante

dos desafios encontrados, ora internamente, ora no contexto social.

Cabe observar ainda que a intolerância religiosa é um dos maiores desafios enfrentados pelos candomblecistas. Por outro lado, quando o ponto de reflexão são as conquistas a satisfação do “povo de santo” sobre o cuidar e ajudar o próximo é a recompensa, traduzida em outras palavras, pelo “pagamento” com sorrisos, abraços e conformações alcançaram aquilo que buscavam quando chegaram a casa de candomblé.

Por fim, o candomblé mantém tradições que remontam seu passado no que diz respeito às práticas aplicadas nos terreiros, com características marcantes como, uso do dialeto Yorubá, a hierarquização, a oralidade e presença na casa para o processo de aprendizagem, o “pé no chão” e a fé nos Orixás.

Frente ao exposto, consideramos que o objetivo geral do estudo foi alcançado ao “dar voz” aos Ilés representados neste estudo, através de seus Babalorixás e Iyalorixás.

Consideramos ainda que a problemática expressa neste estudo, foi respondida ao conseguirmos descrever a trajetória que as casas candomblé passaram desde a sua inauguração.

Frente ao exposto e ao concluirmos este estudo, concedemos como recomendações a continuidade das investigações que envolvem as religiões de matriz africana, considerando os terreiros de menor visibilidade, de uma mesma região, entendendo como se são suas relações e interações.

VI. REFERÊNCIAS

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. 1 ed. 3 reimpressão. São Paulo: Edições 70, 2011

CARNEVALLI, José Antonio; MIGUEL, Paulo Augusto Cauchick. Desenvolvimento da pesquisa de campo, amostra e questionário para realização de um estudo tipo Survey sobre a aplicação do QFD no Brasil. In: **ENESEP**, 21. 2001. Salvador

FILHO, E. F. S; ALVES, J. B. A tradição oral para povos africanos e afrobrasileiros: relevância da palavra. **Revista da ABPN**. v.9, edição especial, p.50-76, dez.2017

GAIA, R. S. P; VITÓRIA, A. S; ROQUE, A.
Candomblé no Brasil: resistência negra na diáspora africana. Jundiaí: Paco Editorial, 2020

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.), **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

Pierucci, A. F. “Bye bye, Brasil”: O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados**. v.18, n.52, p.17-28, set./dez. 2004
PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013

RABELO, M. C. M. Enredos, feitura e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé. **Revista Ilha**. v.17, n.1, p.205-211, jan./jul.2015

RABELO, M. C. M. OBRIGAÇÕES E A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS NO CANDOMBLÉ. **Mana**. v.26, n.1, p.1-31, abr.2020

SCORSOLINI-COMIN, F.; GODOY, H, V; GAIA, R. S. P. SENTIDOS DA MEDIUNIDADE NOS CANDOMBLÉS KETU E EFON. **Revista Cultura y. Religió**n. v. 14, n.2, p.36-55, jul./dez.2020

SCORSOLINI-COMIN, F.; RIBEIRO, A. C. S; GAIA, R. S. P. TRADIÇÃO E SOCIALIZAÇÃO NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ DE UBERABA-MG: ANÁLISE BIOECOLÓGICA DOS PERCURSOS RELIGIOSOS. **Revista Psicologia & Sociedade**. v.32, p.1-18, jul.2020

VERGER P. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVII-XIX**. Salvador: Corrupio, 2002